

## **A construção coletiva de princípios epistemológicos, políticos e pedagógicos da Educação Física Escolar libertadora**

Valdilene Aline Nogueira<sup>1</sup>, Daniel Teixeira Maldonado<sup>2</sup>, Elisabete dos Santos Freire<sup>3</sup>

### **Resumo**

O legado de Paulo Freire vem sendo fonte de interpretações e ressignificações de educadores/as de diversos componentes curriculares. Nesse sentido, fomos nos aproximando da obra do patrono da educação brasileira e de educadores/as que compartilham a mesma utopia de, por meio da Educação Física Escolar, materializarem práticas político-pedagógicas à luz dos ensinamentos freireanos. A intencionalidade desse movimento dialógico permeado pela pesquisa-participante foi identificar e delinear princípios político-pedagógicos e epistemológicos da Educação Física Escolar à luz da Pedagogia Libertadora. Como caminho percorrido, construímos um coletivo de resistência e utilizamos as narrativas de nossas histórias de vida, o compartilhamento de relatos de experiências e de Cartas Pedagógicas, e o diálogo em Círculos de Cultura. Como considerações, destacamos a possibilidade de construirmos pesquisas contra hegemônicas na Educação Física Escolar, considerando os docentes como intelectuais.

### **Palavras-chave**

Educação Física Escolar. Paulo Freire. Educação popular. Práxis.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, Brasil; professora na mesma instituição. E-mail: valdilenenogueira@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Doutor em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, Brasil; estágio pós-doutoral na Universidade de São Paulo, Brasil; professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Brasil. E-mail: danielmaldonado@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Doutora em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, Brasil; estágio pós-doutoral na Universidade de São Paulo, Brasil; professora assistente na Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, Brasil. E-mail: elisabetefreire@uol.com.br.

## **The collective construction of epistemological, political, and pedagogic principles of liberating School Physical Education**

Valdilene Aline Nogueira<sup>4</sup>, Daniel Teixeira Maldonado<sup>5</sup>, Elisabete dos Santos Freire<sup>6</sup>

### **Abstract**

Paulo Freire's legacy has been a source of interpretations and resignifications by educators of different curricular components. In this sense, we have been approaching the work of the patron of Brazilian education and educators who share the same utopia of, through School Physical Education, materializing political-pedagogical practices in the light of Freire's teachings. The intention of this dialogical movement permeated by the participant research was to identify and delineate political-pedagogical and epistemological principles of Physical Education at school in the light of Liberating Pedagogy. As a path taken, we built a collective of resistance and used the narratives of our Life Stories, the sharing of experience reports and Pedagogical Letters, and the dialogue in Culture Circles. As considerations, we highlight the possibility of building counter-hegemonic research in Physical Education at school, considering teachers as intellectuals.

### **Keywords**

School Physical Education. Paulo Freire. Popular education. Praxis.

---

<sup>4</sup> PhD in Physical Education, São Judas Tadeu University, State of São Paulo, Brazil; professor at the same institution. E-mail: valdilenenogueira@yahoo.com.br.

<sup>5</sup> PhD in Physical Education, São Judas Tadeu University, State of São Paulo, Brazil; post-doctoral internship at the University of São Paulo, Brazil; professor at the Federal Institute of Education, Science and Technology of São Paulo, State of São Paulo, Brazil. E-mail: danielmaldonado@yahoo.com.br.

<sup>6</sup> PhD in Physical Education, São Judas Tadeu University, State of São Paulo, Brazil; post-doctoral internship at the University of São Paulo, State of São Paulo, Brazil; assistant professor at São Judas Tadeu University, State of São Paulo, Brazil. E-mail: elisabetefreire@uol.com.br.

## Primeiras palavras

É importante a gente desmistificar quem é este sujeito que escreve. Geralmente, o que é mostrado para nós é escrito por homens brancos, ricos ou europeus, como se nós não produzíssemos saber também, como se não tivéssemos escrevendo a História. Poder mostrar isso para as pessoas é fundamental. Escritores de diferentes lugares, as pessoas que vêm da periferia também são sujeitos pensantes, que produzem, sujeitos que escrevem. Isso gera uma identificação em pessoas que nunca foram vistas como produtoras. Há uma identificação com o que está sendo escrito e com o que se escreve. O leitor consegue se ver nestas pessoas (Djamila Ribeiro, 2018, n. p.).

Iniciamos os escritos deste artigo com as palavras de Djamila Ribeiro (2018). A intenção é nos reconhecermos como professores/as que produzem conhecimento, aqueles/as que ensinam e aprendem diariamente com os/as estudantes na escola em que trabalham, que compartilham experiências com colegas de outras disciplinas, com docentes de Educação Física e que buscam o diálogo em diversos grupos de pesquisa dos quais participam. Reconhecemo-nos como homens e mulheres que escrevem e que transbordam, na utopia de um mundo mais fraterno, construído por meio da educação de qualidade.

Transbordamos nesta pesquisa, inspirados/as em Freire e Guimarães (2000). Os autores escrevem acerca da beleza de aprender com a própria História. Entendemos, desta forma, que por vezes é necessário colocar no papel sentimentos que antecedem o próprio texto e entender esse exercício como algo que, justamente, ultrapassa o limite de quem escreve.

Assumimos, assim, a radicalidade nesta pesquisa qualitativa, pois é por meio das nossas experiências com o mundo que seremos capazes de constituir as reflexões compartilhadas. A partir da influência da obra de Paulo Freire na nossa construção enquanto homens e mulheres, professor/as e pesquisador/as, entendemos que ação e reflexão são componentes constituintes dessa práxis (Brandão; Streck, 2006; Bossle *et al.*, 2020).

Logo, entendemos o conceito de práxis como a maneira humana de existir, agindo e refletindo para atuar na realidade. A associação do nós com o mundo será primordial para a intervenção crítica que aqui propomos, pois não será possível existir práxis fora da relação do ser humano com a realidade vivida (Freire, 1979).

Inevitavelmente, a escrita assume o posicionamento do nós nela presente e entende que a subjetividade transpassa nossas escolhas pessoais, bem como nossas inseguranças e nossos desafios na construção deste texto, que, carregado de sentidos, nos afasta da ideia ingênua de neutralidade. Destacamos que mesmo com quaisquer tentativas de objetividade nestes dizeres seria impossível atingir a neutralidade e não interessante seria permanecer em busca dela, pois isso tiraria da pesquisa aquilo que de mais humano ela pode conter (Santos, 2008).

Dessa forma, há cerca de um ano para a realização do fim da pesquisa de Mestrado e ingresso no Doutorado de uma das autoras deste texto, ela mudou-se de Viçosa-MG para São Paulo-SP e conseguiu uma vaga como professora em uma universidade particular na cidade de Guarulhos-SP. Neste mesmo período, fez um concurso público e ingressou como professora efetiva do Ensino Fundamental II e Médio da Rede Municipal da Capital, em que trabalhou no “chão da escola” como professora de Educação Física, de 2016 até o final de 2020, assumindo em 2021, após um concurso de acesso, o cargo de Coordenadora Pedagógica.

Concomitantemente ao período, a docente viveu em São Paulo-SP e frequentou o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física e Currículo (GEPEFEC), da Universidade São Judas Tadeu (USJT), que fica localizada na zona leste paulistana, juntamente com os/as demais participantes desta pesquisa. Contar a história de uma das autoras do manuscrito se torna relevante, pois este artigo é fruto das reflexões coletivas realizadas a partir da tese de doutorado dela.

O então chamado GEPEFEC é composto por professores/as que estão na USJT cursando mestrado ou doutorado e que atuam em redes públicas de ensino na região de São Paulo-SP. Recentemente, após aprofundarmos as discussões acerca dos textos de Paulo Freire em nossas reuniões do grupo, o GEPEFEC passou a se chamar DIÁLOGO: Educação Física, Escola e Currículo.

Esse grupo ocupa lugar especial nas pesquisas que desenvolvemos recentemente. Nós, professores/as que dele fazemos parte, exercitamos uma parceria na escrita de artigos de pesquisas bibliográficas e de relatos de nossas experiências pedagógicas. Inicialmente, embasamos nossos relatos de experiência na organização a respeito da Inovação Pedagógica divulgada por Silva e Bracht (2012). Neste texto, os autores exploram a ideia de que existe em atuação na Educação Física Escolar três tipos de docentes, sendo eles: os/as professores/as treinadores/as; os/as professores/as rola-bola e os/as professores/as inovadores/as, este último explicado, contrariamente aos demais, como formado por educadores/as que desenvolvem suas práticas de ensino para além do treinamento dos tradicionais esportes coletivos, de maneira intencional e com atuação docente.

No entanto, em uma de nossas reuniões, buscamos refletir acerca do uso atual, que vem ganhando certo discurso neoliberal, do conceito de inovação pedagógica. Assim, nas leituras que realizamos em grupo, entendemos que o termo inédito-viável, trazido por Paulo Freire para explicar o que era possível ser feito diariamente na transcendência da docência (Freire, 2017a), mesmo em meio ao caos e ao descaso do Estado com a classe professoral, nos trazia mais representatividade, perante o contexto atual, do que propriamente a ideia de inovação. A partir dessa discussão que ocorreu em uma de nossas reuniões, os/as professores/as do DIÁLOGO também se propuseram a aprofundar a leitura das obras de Paulo Freire. O objetivo dessa prática era encontrar reflexões que nos ajudassem enquanto grupo e enquanto educadores/as.

As discussões que se seguiam no grupo dialogavam diretamente com a seguinte pergunta: “Como nós, docentes, podemos nos inspirar na Pedagogia de Paulo Freire para construir nossas aulas de Educação Física Escolar?” Assim, a nossa intencionalidade expressa nesta pesquisa, que em uma de nossas reuniões havia sido apresentada aos/às colegas, foi ganhando certa curiosidade epistemológica dos/as participantes do grupo DIÁLOGO, dando força a uma luta que se consolidou como coletiva.

A cada reunião, nossas reflexões ganhavam um movimento não de julgamento ou classificação, como “isso é freireano ou isso não é freireano”, mas de relação crítica com o nosso fazer docente, com a nossa atuação no mundo enquanto professores/as que somos e, dessa maneira, nos víamos na constante busca, entre erros e acertos, de como construir uma práxis na Educação Física Escolar inspirada na pedagogia libertadora de Paulo Freire.

Logo, esta pesquisa possui como objetivo identificar e delinear princípios político-pedagógicos e epistemológicos de práticas pedagógicas na Educação Física Escolar à luz da pedagogia libertadora de Paulo Freire. Para que esse traçado fosse alcançado, construímos juntamente com um coletivo de docentes uma pesquisa dialógica pautada na Pesquisa Qualitativa Crítica na Educação Física (Bossle *et al.*, 2020), com direcionamento à pesquisa-participante (Freire, 1981; Brandão; Streck, 2006), defendendo a relação dialética e contra hegemônica entre as práticas político-pedagógicas produzidas por sujeitos singulares na realidade vivida e a obra de Paulo Freire.

A apresentação deste manuscrito, com base no processo relatado, será *suleada*<sup>7</sup> pela seguinte pergunta de pesquisa: “Como as práxis político-pedagógicas de educadores/as de

---

<sup>7</sup> *Sulear* significa construir paradigmas alternativos que reflitam a complexa realidade que temos e vivemos. Não significa, porém, uma visão maniqueísta, como se “Norte” e “Sul” fosse uma mera questão geográfica. O “Sul” está também no “Norte” e este encontra-se igualmente no primeiro (Adams, 2018).

Educação Física podem construir conhecimentos que dialoguem com a obra de Paulo Freire, contribuindo para o apontamento de princípios epistemológicos, políticos e pedagógicos de uma Educação Física Escolar libertadora?”.

Como possibilidade desta construção dialógica, o coletivo de professores/as de Educação Física convidado a se dedicar na construção do estudo foi composto de maneira intencional pelos/as membros/as do DIÁLOGO/USJT: Daniel Teixeira Maldonado, Uirá de Siqueira Farias, Cláudio Aparecido de Sousa, Daiana Machado dos Santos, Vinícius Moreira e Paulo Clepard Silva Januário. Além destes/desta educadores/as que compartilham suas práticas pedagógicas e a mesma curiosidade epistemológica acerca da obra freireana, foi convidada a professora de Educação Física da Coeducar, Priscila Niquini, e o professor de Educação Física de uma Escola Municipal em São Paulo-SP, Marcel Robert Agea Sá, para compartilharmos as experiências diárias do “chão da escola”<sup>8</sup>.

A escolha dessas pessoas para a participação na pesquisa se deu pelo fato de percebermos, nesses/as educadores/as por quem temos profundo respeito, além da proximidade com as nossas experiências vividas, a nítida intenção da construção de um mundo menos feio e desigual, sonho que Paulo Freire tanto almejava. Freire assumia a utopia e a esperança, bem como a educação crítica pautada pelo diálogo como condições fundamentais para inspirar e orientar docentes que aspiram superar as contradições de um sistema que recusa a “vocaçã ontológica” de homens e mulheres que buscam em sua espontaneidade a pretensão pelo “ser mais” (Freire, 2017a).

Inicialmente, escrevemos textos relatando nossas histórias de vida<sup>9</sup> e compartilhamos as narrativas produzidas com o coletivo. Nesse movimento, realizamos o nosso primeiro Círculo de Cultura<sup>10</sup>, oportunidade que serviu de ponto de partida para os diálogos que seriam

---

<sup>8</sup> Todos/as participantes concordaram em aparecer no estudo com o próprio nome. A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da USJT sob o número CAAE 13488419.0.0000.0089.

<sup>9</sup> As histórias de vida ou as autobiografias são utilizadas por pesquisadores e pesquisadoras nas Ciências Sociais e na Educação em contrapartida ao silenciamento antes percebido. A construção dessas narrativas se relaciona às diversificadas estratégias metodológicas. Entretanto, é possível prever que essa construção se alinha a um contexto de “insatisfação das Ciências Sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação dos modos de conhecimento científico” (Nóvoa, 2000, p. 18). É possível considerar que a perspectiva de investigação por meio das histórias de vida se constitui em determinada mudança hermenêutica ou epistemológica produzida nos anos 1970, muito influenciada pelas obras freireanas e pelo aflorar na Educação das Ciências Sociais (Botía, 2002).

<sup>10</sup> O Círculo de Cultura traz para o campo de uma educação popular de vocação transformadora de pessoas e sociedades algo das práticas grupais de uso comunitário, escolar ou pedagógico. A partir da crítica formulada por Paulo Freire a respeito do que ele denominou educação bancária, o Círculo de Cultura dispõe as pessoas ao redor de uma “roda de pessoas”, em que visivelmente ninguém ocupa um lugar proeminente. O professor que sabe e ensina quem não sabe aprende e aparece como o monitor, o coordenador de um diálogo entre pessoas a quem se propõe construir juntas o saber solidário a partir do qual cada um ensina-e-aprende (Brandão, 2018, p. 117-118).

construídos em uma segunda escrita, quando produzimos relatos de nossas práticas político-pedagógicas na Educação Física Escolar. Destacamos que nos inspiramos nas experiências de Paulo Freire com os Círculos de Cultura para fomentar os diálogos nesta pesquisa, pois seria impossível reproduzir essa experiência exatamente da forma que foi conduzida pelo patrono da educação brasileira.

Após as escritas de nossas narrativas docentes, fizemos um diálogo com nossos/as pares, por meio de Cartas Pedagógicas<sup>11</sup>, nas quais cada um/uma de nós refletiu acerca do relato de experiência escrito por um/uma colega, que pôde com ele/ela também refletir ao ter a sua prática político-pedagógica apreciada por outra pessoa. Após esse esforço coletivo, realizamos mais dois Círculos de Cultura, em que pudemos dialogar, mais pontualmente, a respeito dos apontamentos epistemológicos da pedagogia de Paulo Freire em nossas aulas.

### **Nosso primeiro Círculo de Cultura: movimento da pronúncia do mundo**

Nossas discussões vinham acontecendo nos encontros do grupo DIÁLOGO, nos corredores e cafés da USJT e nos grupos de redes sociais. Assim, realizamos o nosso primeiro encontro coletivo, que seria registrado e gravado por vídeo e que, inspirados/as pela obra de Paulo Freire, chamamos de Círculo de Cultura.

Nesse Círculo de Cultura, tivemos a participação virtual da professora Priscila, que por morar em Minas Gerais se fez presente por meio da tecnologia de um aplicativo de celular. Assim, participaram de maneira presencial do Círculo de Cultura: Cláudio, Daniel, Daiana, Vinícius, Marcel e Uirá. O professor Paulo não pôde estar presente e nem conseguiu participar de maneira remota, por não ter sido liberado da rede de ensino em que trabalha. Assim, gravamos a reunião e enviamos os arquivos para que ele pudesse nos mandar suas palavras e reflexões por outros caminhos.

Tendo como esforço essa nossa pronúncia do mundo, iniciamos, então, após um almoço no restaurante da Universidade, o diálogo. Sentamo-nos de maneira circular e começamos a conversar livremente. Nesse movimento espontâneo de reflexões despretensiosas, foi

---

<sup>11</sup> A carta, como um instrumento que exige pensar acerca do que alguém diz e pede resposta, constitui o exercício do diálogo por meio escrito. Por isso, referir-se às cartas pedagógicas implica referir-se ao diálogo, um diálogo que assume o caráter do rigor, na medida em que registra de modo ordenado a reflexão e o pensamento; um diálogo que exercita a amorosidade, pois só escrevemos cartas para quem, de alguma forma, nos afeta, nos toca emotivamente, cria vínculos de compromisso (Vieira, 2018, p. 111).

interessante notar o respeito e a admiração nas falas das pessoas pelas trajetórias relatadas nas histórias de vida que havíamos compartilhado.

A esse respeito, recordamos Fiori (2017), que no prefácio da *Pedagogia do Oprimido* explica o Círculo de Cultura:

Em diálogo circular, intersubjetivando-se mais e mais, vai se assumindo, criticamente, o dinamismo de sua subjetivamente criadora. Todos juntos, em círculo, e em colaboração, re-elaboram o mundo e, ao reconstruí-lo, apercebem-se de que, embora construído também por eles. Humanizados por eles, esse mundo não os humaniza. As mãos que os fazem não são as que dominam. Destinado a libertá-los como sujeitos, escraviza-os como objetos (Fiori, 2017, p. 15).

Dessa forma, elaboramos como seria a dinâmica do Círculo de Cultura e optamos por uma apresentação de cada participante, uma vez que alguns/algumas professores/as não se conheciam pessoalmente, apesar da leitura compartilhada das histórias de vida que havíamos realizado anteriormente e do grupo de mensagens que criamos em um aplicativo de celular. Para essa apresentação, decidimos contar como foi o processo de aproximação de cada um/uma de nós com a obra de Paulo Freire, além de conversarmos a respeito dos temas da obra do autor que servem de base para a reflexão acerca da construção de nossas práticas político-pedagógicas.

### **Alguns temas presentes em nossas histórias e práticas político-pedagógicas**

Ainda acerca do Círculo de Cultura, relembramos que anteriormente a esse encontro compartilhamos com os/as professores/as o trabalho que haviam escrito, já com as histórias de vida de todos/as transcritas e validadas por seus/suas autores/as. Nesse momento, trocamos mensagens e realizamos algumas conversas acerca do que eles/as pensaram ao ler as histórias de vida uns/umas dos/as outros/as e o caminho que a pesquisa vinha construindo. Foi então que, em uma dessas conversas, decidimos escolher algumas palavras ou temas geradores que evidenciassem nossas percepções. Assim, pedimos que os/as participantes da pesquisa enviassem, por e-mail ou pelo aplicativo de mensagens, palavras ou percepções que demonstrassem as reflexões que eles/elas puderam tecer na leitura da tese compartilhada que fizemos, na expectativa de que esses se tornassem nossos primeiros temas geradores.

Destacamos que fomos inspirados pelo fato de que, em sua prática pedagógica, Paulo Freire e equipe analisaram, juntamente com as pessoas das comunidades locais, as palavras geradoras. Essas palavras eram parte do vocabulário e da realidade que os/as educandos/as



vivenciavam e, a partir da interpretação deles/as, acontecia nos Círculos de Cultura o início do processo de alfabetização, tendo como base a ideia de codificação – reconhecer a palavra – e decodificação – ampliar e problematizar a presença e o significado da palavra de maneira crítica no mundo (Freire, 2017a).

Nesse movimento descrito por Paulo Freire e a partir de palavras geradoras, os temas geradores surgiam e, assim, se extrapolava a leitura das letras, ampliada para o processo de leitura do mundo. Parte-se do entendimento de que ler o mundo é ler profundamente a realidade. Será, portanto, no processo de alfabetização, por meio da leitura da palavra, que ampliaremos a leitura dessa nossa realidade ao encontro da conscientização. É importante notar neste contexto que existe uma relação direta entre os temas e as situações-limite que atravancam a nossa vida enquanto professoras/as, situações-limite que são permeadas por questões complexas e, por muitas vezes, opressoras, obrigando-nos a enfrentá-las ao longo da vida. Portanto, os temas geradores não podem ser entendidos fora da realidade, mas não se trata de uma realidade que seja descolada da existência das pessoas. Os temas só podem ser entendidos nas relações pessoas-mundo (Freire, 2017b).

Tomando como base este processo, organizamos as palavras que os/as docentes haviam enviado e, assim, conversamos acerca de quais temas geradores ficavam latentes para nós quando compartilhamos as nossas histórias de vida e pensamos em uma Educação Física inspirada pelos ensinamentos de Paulo Freire. Dialogamos acerca de nossas percepções e as confrontamos, dialeticamente, com as leituras que fizemos, “rompendo a intimidade” e colocando-nos como “observadores/as” de nossas histórias de vida e de nossas aulas de Educação Física Escolar. Neste diálogo, buscamos reflexões sobre vários temas presentes na obra de Paulo Freire e elencamos alguns deles como ponto de partida para a construção epistemológica, político-pedagógica e estética que viria a ser construída neste estudo.

Compreendemos que os temas trazidos por Paulo Freire acontecem na obra do autor de maneira estreitamente coerente com a epistemologia, a ética e a estética pedagógica utilizadas por Freire. Eles não são trazidos à tona pelo autor, engessados ou aprisionados em conceituações. São temas e conceitos que permeiam seus pensamentos; estão lá, como um ponto de referência, à mercê da dinâmica das pessoas que com eles interagem, que com eles recriam. Na obra de Freire não há preocupação em definir o que são seus assuntos ou conceitos, mas muito mais o que eles podem vir a ser, quando em contato com a realidade (Gadotti, 1997; Streck; Redin; Zitkoski, 2018).

Dessa forma, os temas trazidos por Paulo Freire, como tematização, inédito viável, conscientização, cultura popular ou educação bancária, por exemplo, são constituídos ao longo

da obra dele de maneira integradora e interativa, pois, para Paulo Freire, o conhecimento não é algo estático, feito, e os temas não são algo a ser incorporado ou assimilado. Gadotti (1997) sustenta que uma Pedagogia Freireana recusa a lógica da memorização e da cópia, tornando-se berço da descoberta e da construção.

Assim, após várias sugestões e debates, chegamos aos temas recriados por nós e que nos representavam enquanto coletivo, quais sejam: educação como ato político; descolonização do currículo; resistência para construir a prática político-pedagógica; respeito e valorização das diferenças culturais; trabalho coletivo; tematizar e problematizar; conscientização; leitura do mundo e diálogo.

Nesse movimento, explicamos a ideia de olharmos para nossas aulas e tê-las como elementos principais dos futuros diálogos. Assim, decidimos que precisaríamos ter como ponto de partida a Educação Física que vivemos todos os dias nas escolas que trabalhamos. A intencionalidade foi construída para que pudéssemos tecer reflexões mais profundas sobre nossas discussões acerca da obra de Paulo Freire, indo além da relação com as nossas histórias de vida, chegando também na materialidade compartilhada da Educação Física Escolar que construímos.

Combinamos que escreveríamos relatos de nossas experiências docentes de maneira livre, sem estabelecermos padrões e que nos deixassem confortáveis em compartilhar as nossas práticas político-pedagógicas. Esses relatos seriam enviados à autora da tese de doutorado em tela, que posteriormente os distribuiria para um diálogo por pares e a conseqüente tessitura de reflexões acerca desses temas geradores que definimos no Círculo de Cultura.

Assim, a intenção do grupo caminhava em consonância com a organização epistemológica pautada na dialética como lógica e teoria do conhecimento, pois nela se entende que a definição dos temas nasce da prática e estabelece com ela o princípio organizador de reflexões que floresçam da realidade material “a partir da finalidade de pesquisa, fornecendo-lhe o princípio de sistematização que vai lhe conferir sentido, cientificidade, rigor, importância” (Kuenzer, 1998, p. 62).

O que se pretendia nesse movimento, como nos ensina Paulo Freire, era investigar, realmente, não as pessoas como se fossem peças anatômicas, ou uma prática político-pedagógica isolada da outra, de maneira analítica, “mas o pensamento-linguagem referido à realidade” (Freire, 1987, p. 88), à nossa visão de mundo na concepção de nossas aulas de Educação Física, em que se “encontram envolvidos acerca de alguns temas geradores” (Freire, 2017a, p. 122). O objetivo desse caminhar era, portanto, que pudéssemos reconhecer em nossas ações político-pedagógicas traços dos temas elucidados por Paulo Freire que, misturados à

nossa realidade, poderiam dar vida aos princípios epistêmicos e político-pedagógicos de uma Educação Física Escolar libertadora.

### **Dos diálogos com a prática pedagógica aos apontamentos de uma Educação Física Escolar inspirada em Paulo Freire: cenas do segundo Círculo de Cultura**

Pautados/as pela ideia de registrarmos nossas práticas político-pedagógicas e a partir delas narrar nossos projetos e acerca deles dialogar, na ação e reflexão da Educação Física Escolar iniciamos a construção de nossos relatos. Assim, cada um/uma de nós, de maneira livre e espontânea, criou uma forma de compartilhar algum projeto sobre a obra de Paulo Freire desenvolvido na escola nesse período de discussão e o submeteu ao olhar do/a outro/a.

Combinamos que dentro de dois meses todos/as os/as educadores/as enviariam um e-mail com um arquivo que fosse expressão das práticas político-pedagógicas deles/as. Foi acordado que as reflexões não se dariam no sentido da categorização ou do “enquadramento” de ideias ou conceitos freireanos, mas tomando como base o entrelaçamento dos temas geradores que no Círculo de Cultura havíamos elencado como eixos para as reflexões coletivas que traçaríamos a partir dali.

Quando todos/as terminaram esse primeiro momento, compartilhamos com os/as colegas, de maneira aleatória, os relatos que chamamos de “textos dialogados”. Assim, formamos duplas não pré-estabelecidas, mas apenas organizadas de acordo com a ordem em que os textos foram chegando. Cada um/uma de nós pôde, nesse momento, receber um relato que o/a outro/a havia escrito e nele tecer suas reflexões. Começamos assim o movimento dialógico de ação e reflexão, que nascia da prática político-pedagógica compartilhada acerca da Educação Física Escolar.

Após a leitura das Cartas Pedagógicas, marcamos o segundo Círculo de Cultura da pesquisa. A ideia era que pudéssemos dialogar acerca de nossas práticas político-pedagógicas e contar um pouco da experiência com esse diálogo realizado por meio dos textos que trocamos. O objetivo desse movimento era, principalmente, entender como toda a construção pedagógica advinda desse processo coletivo de reflexão se aproximava da obra de Paulo Freire. Logo, em meio às nossas reflexões sobre as práticas político-pedagógicas compartilhadas que foram revividas por nós e o diálogo amoroso que travamos, apresentamos cenas do nosso círculo a partir da análise das práticas político-pedagógicas e das falas de todos/as, pois entendemos que foram movimentos indissociáveis e interligados ao longo deste estudo.

Iniciamos sentados/as de maneira circular nas cadeiras que organizamos em uma das salas da Pós-Graduação da USJT. Posicionamos um computador em uma das mesas e, assim, Priscila participou de maneira virtual. Estavam presentes: Daiana, Uirá, Paulo, Vinícius e Daniel. Marcel estava a caminho, quando sua filha passou mal e não pôde comparecer. Cláudio tinha outro compromisso no horário e não conseguiu estar conosco.

Em um momento de descontração e brincadeiras, era enfatizado pelos/as professores/as que eles/as não tinham “analisado” os relatos, mas “dialogado” com eles. Isso, segundo os/as educadores/as (Daiana ainda não tinha chegado), mostrava que era preciso olhar para o processo de maneira diferente, com rigor, mas com humildade. Essa forma de construirmos os olhares e a proximidade do grupo nos deixaram pensativo/as, pois essa era talvez umas de nossas intencionalidades pessoais quando idealizamos a realização de uma pesquisa contra hegemônica (Santos, 2008).

Anteriormente a continuar o relato do encontro, explicamos que, após ter todas as Cartas Pedagógicas reunidas, enviamos novamente ao grupo em um e-mail único e pedimos que eles/elas fizessem a leitura do material que haviam construído com esse movimento. Assim, todos/as já haviam tido contato com as narrativas dialogadas quando chegamos para o Círculo de Cultura. O encontro durou cerca de duas horas e foi gravado por um aparelho de celular e por uma câmera de vídeo. Os áudios foram todos transcritos e o vídeo assistido inúmeras vezes.

### **Professores/as na assunção da intelectualidade da práxis da Educação Física Escolar**

Já com Daiana entre nós, iniciamos os diálogos de uma maneira mais pontual. Fizemos a proposta ao grupo de que cada um/uma de nós falássemos acerca da experiência no processo: escrever o relato, dialogar com o/a colega, observando sua prática político-pedagógica e depois ler seu texto comentado. Assim, ainda prosseguimos complementando que não precisaríamos de uma ordem de fala e que ao longo de nossas reflexões poderíamos, de maneira livre, dialogar sobre os temas geradores que construímos no encontro anterior.

Cada um/uma de nós contou sua percepção acerca do movimento que construímos. Os professores/as apresentavam falas interessantes sobre nossos aprendizados ao longo do Círculo de Cultura. Dessa forma, essas discussões acerca de nossos sentimentos ao ler e escrever nossas práticas político-pedagógicas e a respeito do fazer docente foram sempre aparecendo e sendo por nós complementadas. Elas demonstravam, dentre outras coisas, como o exercício de escrita de relatos pedagógicos pode ser um campo fecundo de reflexões docentes que caminham para a discussão crítica das práticas político-pedagógicas na Educação Física Escolar no Brasil.

Nesse sentido, esse debate sintetiza a defesa que estamos fazendo enquanto grupo há algum tempo, quando começamos a organizar livros com relatos de experiências e brigar pelo espaço dado aos/às docentes nos eventos científicos da área. Era assim a nossa maneira de advogar contra a lógica dos currículos padronizados e cheios de “sequências didáticas” a serem aplicadas, que ignoram a intelectualidade docente (Maldonado; Nogueira; Farias, 2018).

Ao refletir sobre essa realidade, percebemos cada vez mais, em tempos de “Educação S/A” (Bossle, 2018), a crescente construção de currículos prescritivos na Educação Física brasileira. Essa ação impositiva, que é financiada por grandes editoras e endossada pelos/as governantes, tenta anular a elaboração de práticas político-pedagógicas na Educação Física Escolar que sejam fruto dos contextos dos/as estudantes e das escolas e, em consonância com a intencionalidade do/a docente, que reconhece e atua em cada situação de maneira única e subjetiva, tornando-se intelectual de sua prática político-pedagógica.

Torna-se cada vez mais presente em nosso ambiente de trabalho a face esmagadora do Neoliberalismo na educação, como também nos alerta Pablo Gentili e Tomaz Tadeu da Silva no livro *Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação* (2015). Assim, todos os dias, nos deparamos com propostas que vêm de cima para baixo em currículos preparados por “especialistas da área”, recheados de “sequências didáticas” ou “ blocos de conteúdos”, com enquadramentos e prescrições das práticas corporais que desafiam a lógica autoral dos/as professores/as, caracterizando exatamente uma tentativa de padronização curricular na Educação Física, financiada por grandes grupos editoriais, com o desejo de se controlar o pensamento docente-discente e homogeneizar a diversidade cultural brasileira.

A prescrição curricular ou a lógica dos currículos padronizados podem se assemelhar ao que Paulo Freire chama de imposição forçada de uma visão de mundo, de uma maneira de ser, de uma consciência à outra (Freire, 2017a).

Portanto, práticas político-pedagógicas que estão sendo produzidas por educadores/as na Educação Física Escolar se apresentam como resistência e esperança aos ditames neoliberais e à “fereza da ética do mercado”, como nos ensina Paulo Freire (2014). Esse movimento se dá por meio da autoria genuína das pessoas que atuam na Educação Física Escolar e que constroem suas aulas como autores/as de suas práticas (Bracht, 2017) e, portanto, assumem-se como intelectuais orgânicos na Educação Física (Bossle, 2018), que se recusam a seguir cartilhas ou blocos de conteúdos pré-moldados na construção de sua práxis.

## **A construção da práxis da Educação Física Escolar: condicionante para a tematização**

Ainda no Círculo de Cultura, uma das participantes relatou que, quando iniciou a carreira como professora, sempre separava as aulas iniciais dos projetos que realizava na escola para trabalhar com os/as estudantes os conceitos “teóricos” de determinada prática corporal. A ênfase era dada à história do voleibol, da capoeira ou do xadrez. Não importava o tema, ela sempre iniciava os projetos dessa forma e, quase na maioria das vezes, pedia uma pesquisa acerca da história do handebol, a ser entregue em uma folha de papel como atividade avaliativa. Era a “parte teórica” do tema que ela construía com os/as estudantes.

Nas demais aulas, existia a preocupação em como fazer os gestos motores da prática corporal, sempre de maneira muito lúdica e cooperativa, mas era observada basicamente a forma “correta” de jogar, brincar, dançar ou lutar. Era a parte “prática” da tematização. Ao final do projeto, a intencionalidade se voltava a saber se a turma tinha participado e gostado das aulas.

Tomando como ponto de partida as reflexões construídas no Círculo de Cultura, pensamos, como também problematizado por Vinícius na Carta Pedagógica, que precisamos refletir acerca da práxis na Educação Física. Esse assunto, que parece óbvio e superado com o componente curricular presente na área de Linguagens, se acentuou no diálogo entre Vinícius e Claudio, e quando, com receio, essa docente se reportou aos colegas, no Círculo de Cultura, acerca do fazer docente utilizado por ela.

Entendemos que mesmo com a notória produção acadêmica que demarca a aproximação da Educação Física Escolar em relação às Ciências Humanas e Sociais e a permanência dela na área de Linguagens nos currículos escolares, a dicotomia teoria *versus* prática ainda se faz presente (Maldonado; Nogueira; Farias, 2021).

Não é raro, ainda hoje, nos depararmos ou até mesmo reproduzirmos a ideia de “conceitos teóricos” e “aula prática” ou ainda pensarmos em “vivências práticas” na tematização que realizamos com os/as estudantes em nossas escolas. Essa ideia, a nosso ver, cria contradições para uma epistemologia que reconhece as práticas corporais como temas, em uma perspectiva inspirada na obra freireana, pois Paulo Freire nos ensina que “não é possível pensar a linguagem sem pensar o mundo social em que nos construímos. Não é possível pensar a linguagem sem pensar o poder, a ideologia” (Freire, 1981, p. 46).

Acerca dessa discussão, remetemo-nos ao livro *Pedagogia da práxis*, publicado em 1998 por Moacir Gadotti, em que é defendido, a partir da visão marxista de dialética que também banha as discussões freireanas, uma pedagogia que supere as relações teoria *versus*

prática. Assim, Gadotti (1998, p. 16) explica que práxis em Paulo Freire é a junção de “ação e reflexão no engajamento, no compromisso com a transformação social, por meio do diálogo”. O educador sai em defesa de que “diálogo não é trocar ideias, pois práxis é ação transformadora da realidade e diálogo sem compromisso com a práxis é verbalismo” (Gadotti, 1998, p. 16).

Assim, ao refletir o conceito freireano de práxis como ação transformadora da realidade, compreendemos que a assunção da práxis educativa da Educação Física Escolar é condição para a tematização, aquela que defendemos nesta pesquisa, pois ela pressupõe a ruptura de aulas “teóricas” e aulas “práticas” para a construção da Educação Física Escolar enquanto práxis, ou seja, enquanto ação transformadora que problematiza e transforma a realidade por meio das práticas corporais. Portanto, da relação dialética entre a prática corporal e o mundo, materializa-se a experiência na Educação Física Escolar, seja ela na quadra, no pátio ou na sala de aula.

### **Educação Física Escolar como ato político**

A epistemologia em Paulo Freire é banhada de política. Em todos os escritos, o educador se posiciona, denuncia, delata e luta contra forças que nos impedem de ser mais. Assim, para Paulo Freire, a educação, por assumir um compromisso ético, estético e pedagógico é, essencialmente, política. Ela tem intenção, tem endereço de formação e não pode se eximir desse debate.

Acerca desse compromisso político, essencial na práxis da Educação Física Escolar, uma das participantes contou no Círculo de Cultura que havia dialogado com o Marcel em seu relato e retomou ao grupo que o professor havia construído sua narrativa sobre o tema Macumba<sup>12</sup>. Ela disse que o que mais a tocou ao ler o texto foi o posicionamento firme do educador em “comprar a briga para defender uma questão que acredita”. Isso, na visão dela, era assumir que a educação é um ato político, que toma partido. O partido dos oprimidos/as, que são discriminados em sua cultura e até mesmo em sua fé.

Prosseguindo com o diálogo acerca da Educação Física como um ato político, Daniel evidenciou o posicionamento perspicaz de Vinícius frente às questões enfrentadas pelas meninas na tematização das danças.

Ao acompanhar com interesse verdadeiro os diálogos que se seguiram e as práticas político-pedagógicas relatadas e revisitadas no Círculo de Cultura, apreciamos a importância

---

<sup>12</sup> “Nomenclatura” equivocada e preconceituosa que determinadas pessoas fazem em relação às religiões de matriz africana.

de construções que levem em consideração a opinião dos/as estudantes nas escolhas dos temas que serão trabalhados nas aulas de Educação Física Escolar, além de exaltar práticas que considerem o planejamento como uma elaboração participativa. Obviamente, não entendemos que essa seja a única maneira de se fazer as decisões do currículo, uma vez que reconhecemos que esse é um campo de intensas disputas e que saberes diversos precisam nele ser legitimados, principalmente aqueles que aproximam de nosso fazer docente os ideais de uma educação popular<sup>13</sup> (Apple, 1989; Freire, 2017a).

Pensando na escolha do tema das aulas também como escolhas políticas, passamos brevemente por discussões que tangem a presença de temas que emergem da realidade dos/as estudantes e como eles/as podem ser reposicionados/as, atentando-se para a lógica da invasão cultural<sup>14</sup> na prática pedagógica da Educação Física. Entendemos que o tratamento das práticas corporais precisa caminhar junto à problematização de questões sociais de ordem macro, como, por exemplo, na tematização do *Parkour*, trazida por Cláudio.

Assim, nos perguntamos como essa discussão poderia extrapolar a ideia da criação de percursos em nossas aulas de *Parkour*, colocando-me também em posição de indagação a respeito da presença discursiva no currículo das práticas corporais de aventura, nomenclatura incorporada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que adota a lógica de habilidades e competências, como o desenvolvimento da liderança, o que, ao nosso ver, se contrapõe às discussões freireanas, já que possui na sua base epistemológica a utopia de construir um sujeito que leia o mundo de forma crítica para transformar a sociedade e não se adaptar às injustiças sociais presentes em um determinado momento histórico.

Seguindo nessas reflexões, destacamos que as tematizações trazidas pelos/as professores/as, a exemplo: a peteca como manifestação da cultura mineira, o *hip hop* e os temas da periferia, os jogos indígenas e os jogos de culturas africanas, a Macumba e os ritmos de origem afro, bem como a inclusão de pessoas com deficiência são elementos latentes de

---

<sup>13</sup> Paludo (2018) menciona que Paulo Freire se torna um dos primeiros educadores brasileiros a defender a ideia de educação com o povo, e não para eles/elas. O tema da educação das classes populares, largamente denominadas oprimidas ou, então, povo, perpassa e é o centro da obra de Freire, principalmente nos livros *Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia da Esperança* e *Pedagogia da Autonomia*. Assim, compreendemos que a concepção da educação popular é forjada a partir da colaboração de vários sujeitos, mas possuindo uma contribuição fundante da obra e do legado freireano.

<sup>14</sup> A invasão cultural é uma das quatro características da opressão antidialógica, emergindo concomitantemente com a conquista, a divisão e a manipulação. A invasão cultural tem lugar no mundo na medida em que as relações entre pessoas e sociedades desenvolvem-se a partir de matrizes não dialéticas ou antidialógicas, gerando dominação e dependência de umas sobre as outras. A dependência implica o silenciamento das pessoas e a produção, naquela sociedade, de uma “cultura do silêncio”, que abre espaços para que aí se instaurem os valores de outra cultura, diferentes dos que emergiram naquele contexto sócio-histórico específico (Gustsack, 2018, p. 389).



escolhas curriculares políticas que estão na contramão das práticas hegemônicas na Educação Física Escolar.

Trazendo a problemática da tematização novamente à tona, percebemos que na Educação Física existe um movimento, mesmo que muitas vezes não declarado, do uso do referencial de Paulo Freire para organização político-pedagógica do componente curricular. Relembramos que no projeto de alfabetização de adultos/as desenvolvido pelo educador brasileiro, palavras geradoras e temas geradores guiavam o processo pedagógico. Esse trabalho visava trazer para o processo educacional, por meio da tematização, a experiência cultural dos/as estudantes (Freire, 2017a).

A transformação do trabalho pedagógico, e por isso político, da Educação Física Escolar pelo conceito de tematização leva em conta a ocorrência social das práticas corporais e suas relações com a realidade e com as questões que delas emergem, tais como valores, pontos de vista, questões de gênero, classe social e etnia, que passam a orientar como será o trato pedagógico das práticas corporais.

Assim, entendemos que a tematização engloba todas as formas possíveis de abordagem de um determinado tema na escola, sempre em diálogo com as experiências culturais dos/as estudantes. Alguns elementos didáticos apresentados pelos/as docentes em suas práticas político-pedagógicas contribuem para iniciar e desenvolver processos de tematização das diversificadas práticas corporais presentes na sociedade atual, tais como: a organização de Círculos de Cultura; a leitura de artigos científicos e de reportagens pertinentes ao assunto a ser tematizado; o estímulo à elaboração de pesquisas; a utilização de vídeos e a adaptação de materiais da própria prática corporal tematizada para a experimentação de gestos; a criação de novas regras e combinados para se brincar, jogar ou vivenciar os gestos da prática corporal escolhida; a apreciação de imagens e obras de arte; a leitura de gráficos, textos verbais e não verbais; a conexão com pessoas da comunidade e praticantes dos temas escolhidos, bem como a produção de registros em diferentes linguagens, nas quais os/as estudantes se expressem como produtores culturais.

As práticas corporais são também práticas culturais, por isso, entendemos como necessário estarmos cientes de que a seleção por determinada dança, luta ou esporte vai promover e valorizar a cultura, os valores e os grupos atrelados à prática corporal-cultural escolhida. Assim, a seleção das práticas corporais a serem tematizadas nas aulas de Educação Física carece de nosso olhar crítico, pois a escolha de temas exterioriza a atenção que a escola dedica a determinadas questões que, na leitura da realidade feita nas aulas de uma Educação

Física Escolar libertadora, permite fazer com que essas se tornem experiências que ampliam as possibilidades de leitura do mundo.

### **A leitura do mundo conectada às práticas corporais**

Na Educação Física Escolar que se inspira em Paulo Freire, entendemos que a tematização das práticas corporais se alinha ao entendimento de que transformar uma prática corporal em tema é observá-la enquanto fenômeno social e tratá-la como um objeto de experimentação, reflexão e pesquisa, levantando-se práticas, significações e questionamentos a seu respeito. Esse entendimento caminha para a construção de possibilidades de transformação social, visando fortalecer grupos historicamente oprimidos e a igualdade de oportunidades para todas as pessoas, questões que vislumbramos ao assumir nossa resistência e utopia.

Nesse entrelaçamento de ideias, destacamos um dos diálogos do Círculo de Cultura que demonstra a preocupação dos/as professores/as com a tomada de consciência crítica como elemento necessário para a leitura do mundo nas aulas de Educação Física Escolar.

Para Paulo Freire, os temas geradores, bem como as palavras geradoras são fontes fecundas de outras criações, a partir dos significados que os grupos que realizam problematizações vão dando para o contexto que está sendo desvelado neste movimento de codificação e descodificação. Assim, segundo o patrono da educação brasileira, todas as palavras são também palavras-mundo. Isso se dá pela subjetividade de quem lê, pois sempre há uma relação dialética entre o mundo da pessoa e o mundo expresso nessa palavra. É o que ele chama, demonstrando toda sua boniteza de escrita, de interação do mundo de fora com o mundo de dentro. Por esse motivo, nenhuma leitura é igual e ninguém lê o mesmo livro, nem mesmo quando o lê pela segunda vez (Freire, 2011).

Nesse sentido, nos atrevemos a pensar, com a análise rica feita com nossos/as companheiros/as de pesquisa, que as práticas corporais na Educação Física Escolar são também práticas corporais-mundo. Esse singelo entendimento caminha no sentido de que quando tomamos como ponto de partida as práticas corporais que vão sendo codificadas e decodificadas em nossas aulas, possibilitamos experimentações aos/às nossos/as estudantes que permitem que eles/elas ressignifiquem os próprios gestos e as interpretações acerca das danças, das lutas, das ginásticas, dos jogos, das brincadeiras e dos esportes, de maneira a criar a sua própria relação com os gestos realizados nas aulas de Educação Física; é o encontro do mundo de dentro do/a estudante com o mundo de fora, desvelado pela tomada de consciência crítica que vem do

processo da prática político-pedagógica na Educação Física Escolar que se inspira em Paulo Freire.

### **A luta coletiva como elemento da Educação Física Escolar libertadora**

Ao olhar para todo o contexto da Educação Física Escolar no Brasil e da produção acadêmica que vem sendo disseminada pela área nos últimos anos, remetemo-nos ao prefácio do livro de Daniel, intitulado *Professores e Professoras de Educação Física progressistas do mundo, uni-vos*, escrito pelo professor Marcos Garcia Neira. Nesse texto, Neira (2020) cita um poema de Clarice Lispector para elucidar a importância de andarmos juntos para irmos mais longe. Em seu livro, Maldonado (2020) analisa 245 relatos de experiência produzidos por professores/as progressistas do Brasil, dando corpo a importantes teorizações que nasceram desse “caldo”.

Percebemos um movimento semelhante de chamamento para a luta coletiva ao ler o livro *Por uma perspectiva crítica na Educação Física Escolar*, organizado por Borowski, Medeiros e Bossle (2020), ou ainda acompanhando os relatos presentes no livro *Educação Física Escolar e Paulo Freire: ações e reflexões em tempos de chumbo*, organizado por Sousa, Nogueira e Maldonado (2019). Essas obras têm em comum o referencial teórico estreitamente ligado às Teorias Críticas da Educação e da Educação Física, e um teor coletivo que impulsiona docentes progressistas a compartilharem também suas práticas político-pedagógicas rumo à transformação social.

Assim, em consonância com os diálogos evidenciados no Círculo e com os conhecimentos produzidos com professores/as de Educação Física Escolar, reconhecemos que a luta docente dos/as educadores/as desta pesquisa, banhada por utopia e resistência, ganha potência epistemológica quando compreendida na coletividade, pois quando analisamos suas práxis e os diálogos que travamos nos Círculos de Cultura, o encontro com o outro é o que nos impulsiona a continuar na militância por uma Educação Física Escolar libertadora e, a partir dessa luta, produzirmos conhecimentos capazes de impulsionar outras batalhas e outros conhecimentos de maneira nunca findada ou definitiva.

## **Considerações inacabadas em nosso último Círculo de Cultura: em busca de princípios epistemológicos, políticos e pedagógicos da Educação Física Escolar libertadora**

Voltamos novamente para a pergunta que suleou todo esse estudo: “Como as práxis político-pedagógicas de professores/as progressistas de Educação Física podem construir conhecimentos que dialoguem com a obra de Paulo Freire, contribuindo para o apontamento de princípios epistemológicos, políticos e pedagógicos de uma Educação Física Escolar libertadora?”.

Entendemos, ao olhar para essa pesquisa, que docentes produzem teorizações a partir do momento em que tomam consciência de que são também fazedores/as de outros conhecimentos, para além de uma técnica instrumental pautada nas escolas, em cima da lógica do “como dar aulas”. Nesta assunção, podemos construir indicativos de princípios epistemológicos, políticos e pedagógicos acerca da Educação Física Escolar.

Como uma perspectiva de Educação Física Escolar libertadora, entendemos também que é preciso esperar acerca de uma práxis que advogue contra todas as formas de opressão, sejam elas advindas de questões de gênero, raça ou classe social. Essa luta se dá, portanto, na materialização de experiências totalizantes – leituras, diálogos, experimentações e reconstruções de gestos, pesquisas, escritas, desenhos, charges – que problematizam e reposicionam as danças, as lutas, as ginásticas, os jogos, as brincadeiras e os esportes no cenário da sociedade atual.

Logo, como síntese inacabada do conhecimento que produzimos juntos nessa pesquisa, que tem como objetivo construir princípios político-pedagógicos e epistemológicos de práticas pedagógicas na Educação Física escolar à luz da pedagogia libertadora de Paulo Freire, assumimos a defesa de que uma Educação Física Escolar inspirada em Paulo Freire busca, no encontro com as práticas corporais tematizadas em suas práxis, a leitura do mundo, para que todas as formas de opressão possam ser revertidas rumo à libertação das pessoas.

Com essas intencionalidades, chegamos ao último encontro com a pesquisa compartilhada entre todos nós. Inicialmente, as falas do grupo caminhavam no sentido de que tínhamos realizado algo extremamente significativo. Finalmente, entendemos que estávamos caminhando para a construção de um coletivo que pensa e sente a Educação Física Escolar de maneira diferente.

Assim, tudo se deu em meio a falas emocionadas acerca de nossas histórias de vida, da importância de nos organizarmos coletivamente para resistir e das bonitezas que havíamos

vivido juntos até ali. Nesse clima, iniciamos a reflexão a respeito dos princípios pedagógicos, políticos e epistemológicos que floresceram em todo o processo.

Nesse contexto, em um infundado movimento reflexivo, apresentamos os seguintes princípios epistemológicos, políticos e pedagógicos elencados em diálogo em nosso último Círculo de Cultura, e que foram se desenhando e sendo apresentados ao longo deste estudo, acreditando que com eles possamos caminhar para a construção de uma Educação Física Escolar libertadora: é possível construirmos pesquisas com professores/as e não para professores/as de Educação Física Escolar; o conhecimento epistemológico da Educação Física Escolar ganha força com a produção coletiva; não há espaço para um currículo padronizado na Educação Física Escolar; a prática pedagógica da Educação Física Escolar, em uma perspectiva libertadora, é repleta por militância e resistência.

Além disso, o/a professor/a de Educação Física Escolar que se pauta na obra freireana é um ser utópico e mantém viva a fé nas pessoas e no mundo; a práxis da Educação Física Escolar, em uma perspectiva libertadora, é um ato político que advoga pelos/as oprimidos/as do mundo; a Educação Física Escolar pautada em Paulo Freire traz para o currículo práticas corporais de diversificadas culturas, promovendo a justiça curricular; a práxis da Educação Física Escolar libertadora não concebe dissociação entre teoria e prática, entendendo todos os momentos das aulas como sendo experiências totalizantes; a tematização e a problematização na Educação Física Escolar libertadora precisam caminhar para a conscientização, rumo à transformação social; os/as docentes de Educação Física Escolar são seres inacabados e por isso dialogam com o mundo; a prática político-pedagógica da Educação Física Escolar libertadora tem como centro o respeito aos/às educandos/as e a dialogicidade verdadeira.

Por fim, a leitura do mundo se dá pela experiência totalizante com as práticas corporais na Educação Física Escolar libertadora; as vivências nas aulas de Educação Física, em uma perspectiva libertadora, são realizadas para conscientizar educadores/as e educandos/as, em comunhão, da realidade material opressora; a prática político-pedagógica da Educação Física escolar, inspirada na educação libertadora, dialoga com teorias que buscam justiça social e a negação do fatalismo; a luta docente na Educação Física Escolar libertadora é ação essencialmente coletiva; a Educação Física Escolar libertadora é, em essência, revolucionária.

Assim, destacamos que muitos/as professores/as estão redesenhando a Educação Física Escolar no Brasil. Existe um movimento em curso e somos hoje a representação de muitos/as que vieram antes de nós. A Educação Física Escolar resiste, luta e se organiza com rigorosidade metódica. Os inéditos viáveis, assim como os nesta pesquisa apresentados, continuam a acontecer. Isso é motivo para nos unirmos e, na coletividade, esperarmos.

## Referências

ADAMS, T. Sulear. *In*: STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. São Paulo: Autêntica, 2018. p. 385-387.

APPLE, M. **Ideologia e currículo**. Porto Alegre: Artmed, 1989.

BOROWSKI, E. B. V.; MEDEIROS, T. N.; BOSSLE, F. (org.). **Por uma perspectiva crítica na educação física escolar**: ensaiando possibilidades. Curitiba: CRV, 2020.

BOSSLE, F. Nosso “inédito viável”: professor de educação física intelectual transformador. *In*: MALDONADO, D. T.; NOGUEIRA, V. A.; FARIAS, U. S. (org.). **Os professores como intelectuais**: novas perspectivas didático-pedagógicas na educação física escolar brasileira. Curitiba: CRV, 2018. p. 19-34.

BOSSLE, F. *et al.* “Sulear”: uma perspectiva de orientação epistemológica para pesquisa qualitativa crítica na educação física escolar. *In*: BOROWSKI, E. B. V.; MEDEIROS, T. N.; BOSSLE, F. (org.). **Por uma perspectiva crítica na educação física escolar**: ensaiando possibilidades. Curitiba: CRV, 2020. p. 14-33.

BOTÍA, A. B. “¿De nobis ipsis silemus?”: epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, Ensenada, v. 4, n. 1, p. 1-24, 2002. Disponível em: [https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1607-40412002000100003](https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1607-40412002000100003). Acesso em: 14 maio 2022.

BRACHT, V. Prefácio. *In*: NOGUEIRA, V. A.; FARIAS, U. S.; MALDONADO, D. T. (org.). **Práticas pedagógicas inovadoras nas aulas de educação física escolar**: indícios de mudanças 2. Curitiba: CRV, 2017. p. 11-13.

BRANDÃO, C. R. Círculo de cultura. *In*: STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. São Paulo: Autêntica, 2018. p. 117-119.

BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. (org.). **Pesquisa participante**: o saber da partilha. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

FIORI, E. M. Prefácio. *In*: FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Educação na cidade**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1981.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017a.

FREIRE, P. **Pedagogia da libertação em Paulo Freire**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017b.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Aprendendo com a própria história II**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GADOTTI, M. Lições de Freire. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 23, n. 1-2, 1997. DOI 10.1590/rfe.v23i1-2.59588. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/59588>. Acesso em: 14 maio 2022.

GADOTTI, M. **Pedagogia da práxis**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

GENTILI, P.; SILVA, T. T. **Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas**. 15. ed. São Paulo: Vozes, 2015.

GUSTSACK, F. Invasão cultural. STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. São Paulo: Autêntica, 2018. p. 389-391.

KUENZER, A. Z. A formação de educadores no contexto das mudanças no mundo do trabalho: novos desafios para as faculdades de educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 19, n. 63, p. 105-125, 1998. DOI 10.1590/S0101-73301998000200007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/qfvGxrH5fhVFSxYmgHPdQyS/?lang=pt>. Acesso em: 14 maio 2022.

MALDONADO, D. T. **Professores e professoras de educação física progressistas do mundo, uni-vos!**. Curitiba: CRV, 2020.

MALDONADO, D. T.; NOGUEIRA, V. A.; FARIAS, U. S. (org.). **Os professores como intelectuais: novas perspectivas didático-pedagógicas na educação física escolar brasileira**. Curitiba: CRV, 2018.

MALDONADO, D. T.; NOGUEIRA, V. A.; FARIAS, U. S. (org.). **Linguagens na educação física escolar: diferentes formas de ler o mundo**. Curitiba: CRV, 2021.

NEIRA, M. G. Prefácio. *In*: MALDONADO, D. T. **Professores e professoras de educação física progressistas do mundo, uni-vos!** Curitiba: CRV, 2020.

NÓVOA, A. Universidade e formação docente. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 4, n. 7, p. 129-138, 2000. DOI 10.1590/S1414-32832000000200013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/GvJyMSqMSQQpjvnWcRrHkTQ/?lang=pt>. Acesso em: 14 maio 2022.

PALUDO, C. Educação popular. *In*: STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. São Paulo: Autêntica, 2018. p. 236-238.

RIBEIRO, D. Escritora participa da mesa “Feminismos plurais” na Flup. [Entrevista cedida a Thayná Rodrigues]. **Portal Geledés**, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/djamilia-ribeiro-gente-luta-por-uma-sociedade-em-que-as-mulheres-possam-ser-consideradas-pessoas/>. Acesso em: 14 maio 2022.

SANTOS, B. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, M. S.; BRACHT, V. Na pista de práticas e professores inovadores na educação física escolar. **Kinesis**, Santa Maria, v. 30, n. 1, p. 80-94, 2012. DOI 10.5902/010283085718.

Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/5718>. Acesso em: 14 maio 2021.

SOUSA, C. A.; NOGUEIRA, V. A.; MALDONADO, D. T. (org.). **Educação física escolar e Paulo Freire: ações e reflexões em tempos de chumbo**. Curitiba: CRV, 2019.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. São Paulo: Autêntica, 2018.

VIEIRA, A. Cartas pedagógicas. *In*: STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. São Paulo: Autêntica, 2018. p. 111-112.

Submetido em 26 de abril de 2023

Aprovado em 14 de julho de 2023.